

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ensino

Marcelo Augusto de Oliveira e Santos

**STORYTELLING PARA A SALA DE AULA: uso de narrativas para o
desenvolvimento de assuntos da grade curricular**

Belo Horizonte

2022

Marcelo Augusto de Oliveira e Santos

STORYTELLING PARA A SALA DE AULA: uso de narrativas para o desenvolvimento de assuntos da grade curricular

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Costa Amaral

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237s Santos, Marcelo Augusto de Oliveira e
Storytelling para a sala de aula: uso de narrativas para o desenvolvimento de assuntos da grade curricular / Marcelo Augusto de Oliveira e Santos. Belo Horizonte, 2022.
73 f. : il. + 1 Produto

Acompanhado de: Cartilha / Storytelling para professores (8p.)

Orientador: Fernando Costa Amaral
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ensino

1. Professores - Formação. 2. Contadores de histórias. 3. Narração. 4. Ensino - Metodologia. 5. Arte de contar histórias. 6. Narrativas digitais. 7. Prática de ensino. 8. Material didático. 9. Ambiente de sala de aula - Inovações tecnológicas. I. Amaral, Fernando Costa. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ensino. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 371.13

Marcelo Augusto de Oliveira e Santos

STORYTELLING PARA A SALA DE AULA: uso de narrativas para o desenvolvimento de assuntos da grade curricular

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências.

Prof. Dr. Fernando Costa Amaral – PUC Minas (Orientador)

Profa. Dra. Claudia de Vilhena Schayer Sabino – PUC Minas (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Andréa Carla Leite Chaves – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 07 de julho de 2022.

*À minha família por todos os motivos, especialmente aos meus filhos, fonte do
desejo de evolução.*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao bom Deus. E, com imensa gratidão a todos que apoiaram durante cada etapa deste projeto.

À minha amada avó Geralda, aos meus saudosos avós João, Irene e ao “vô” Erci. Com muito amor a eles, que me mostraram tanto durante seu tempo e apresentando diferentes formas de ensinar, conhecer e aprender.

Agradeço a minha esposa Grazielle, meus filhos Benício e Mateus, morada de todo meu amor, por toda paciência durante todo o trajeto, dando apoio, um sorriso e me animando quando a energia acabava. Ajudaram-me a ter foco para concluir cada etapa. Obrigado por todo carinho e compreensão. Aos meus pais, pelo apoio. Aos meus irmãos, cunhadas, sobrinhos e afilhados.

Agradeço à PUC Minas, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, aos professores, por todos os ensinamentos, indicações e observações durante este trabalho e pelo grande exemplo. Ao meu orientador Fernando Amaral e à professora Cláudia Sabino, pela oportunidade de refletir e conhecer mais sobre educação e por apresentarem um novo mundo de possibilidades. Aos colegas do programa, que tornaram a jornada mais leve, divertida e inspiradora.

RESUMO

O professor pode contar com uma gama enorme de opções pedagógicas para modernizar o espaço escolar. Ainda que o uso da tecnologia apresente limitações, é possível prever que a falta de orientação e formação dos docentes pode ser o motivo de existir rejeição ao seu uso como ferramenta para desenvolver o aprendizado. No Brasil é possível verificar o veredito da escola ser um ambiente antiquado. Resultado do desejo de contribuir com a modernização do ambiente escolar e auxiliar o docente no seu planejamento. Neste trabalho foi feita uma pesquisa para coletar dados relacionados aos impactos gerados na aplicação de uma sequência didática em turmas do Ensino Fundamental e Médio, onde foram coletados, avaliados e sistematizados os dados para elaborar orientações e contribuições sobre e para o uso de metodologias ativas no ambiente escolar. Para tal, esta dissertação apresenta um estudo de caso sobre o uso de uma sequência didática (SD) com metodologias ativas e a produção e análise de vídeos no formato de *Storytelling* em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio e a pesquisa sobre o uso dessa prática como estratégia pedagógica no contexto promovendo o aprendizado ativo dos alunos. Também foi desenvolvida uma cartilha com tutorial para professores utilizarem. Ao final, os resultados confirmam que o uso de recursos digitais, de metodologias ativas e sequências didáticas facilitaram o desenvolvimento de habilidades e o aumento de engajamento dos alunos. A avaliação dos dados mostra que as ferramentas pedagógicas utilizadas precisam de rastreamento efetivo por parte do docente para atingir o propósito de atualização do ambiente escolar.

Palavras-chave: Metodologias ativas, pedagogia contando histórias, formação de professores, sequência didática.

ABSTRACT

The teacher can count on a huge range of pedagogical options to modernize the school space. Although the use of technology has limitations, it is possible to predict that the lack of guidance and training of teachers may be the reason for the rejection of its use as a tool to develop learning. In Brazil it is possible to verify the verdict of the school being an old-fashioned environment. Result of the desire to contribute to the modernization of the school environment and assist the teacher in its planning. In this work, a research was carried out to collect data related to the impacts generated in the application of a didactic sequence in Elementary and High School classes, where data were collected, evaluated and systematized to elaborate guidelines and contributions on and for the use of active methodologies in the school environment. To this end, this dissertation presents a case study on the use of a didactic sequence (DS) with active methodologies and the production and analysis of videos in Storytelling format in Elementary and High School classes and research on the use of this practice as a pedagogical strategy in the context promoting active student learning. A tutorial booklet was also developed for teachers to use. In the end, the results confirm that the use of digital resources, active methodologies and didactic sequences facilitated the development of skills and increased student engagement. The evaluation of the data shows that the pedagogical tools used need effective tracking by the teacher to achieve the purpose of updating the school environment.

Keywords: Active methodologies, storytelling pedagogy, teacher training, didactic sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quantidade de acessos para pesquisa sobre <i>Storytelling</i> no buscador Google	28
Figura 2 – Número de pesquisas feitas sobre o tema <i>Storytelling</i> por região no mundo. Regiões mais escuras apresentam maior número de buscas	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação de alunos por turmas e alunos participantes no trabalho	32
Gráfico 2 – Quantidade de alunos que conhecia o Storytelling	41
Gráfico 3 – Informações sobre participantes que responderam a pesquisa	43
Gráfico 4 – Interesse em divulgar o vídeo produzido	43
Gráfico 5 – Avaliação da satisfação do aluno em relação ao resultado do vídeo	44
Gráfico 6 – Relação do interesse pela ferramenta	45
Gráfico 7 – Dados sobre o interesse do uso da ferramenta em trabalhos futuros	45
Gráfico 8 – Percepção do aluno sobre a efetividade da ferramenta	46
Gráfico 9 – Como os alunos perceberam o uso da ferramenta	47
Gráfico 10 – Dificuldade enfrentadas para montar um vídeo com narrativa	47

SUMÁRIO

1	Introdução	19
1.1.1	Geral	22
2	Referencial Teórico	23
2.1	Ensino na Educação Básica e a Covid-19	23
2.2	Metodologias Ativas	24
2.3	Sequências Didáticas	25
2.4	Uso do <i>Storytelling</i>	26
3	Elaboração e etapas da pesquisa	31
3.1	Características Gerais sobre a Aplicação	31
3.2	Discussão e Delimitação	33
3.3	Escola Cenecista Educare de Itaúna	33
3.4	Planejamento da Atividade	34
4	Discussão do resultado dos trabalhos	49
5	Conclusões	51
	Referências	54

1 INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores, notadamente quando o docente se depara com as relações em sala de aula com os alunos aos quais precisa compreender para bem ensinar, e ensinar com qualidade pedagógica, estratégias diversificadas e eficazes é uma questão extremamente relevante na comunidade educativa contemporânea. Esta necessidade formativa requer adequações contínuas e, se possível, orientadas dentro de instrumentos e processos de formação continuada. Tal problemática se aprofunda num mundo tão digitalizado e com transformações tão rápidas de meios e discursos da comunicação digital. Poderíamos nos perguntar: “como os professores podem se capacitar para competir com a sedução da mídia digital contemporânea ou se apropriarem dos produtos e processos tecnológicos no domínio intelectual para incrementar seu trabalho?”

Uma possível estratégia desenvolvida neste trabalho é a pedagogia por narrativa ou contar histórias, neste caso particular usamos o termo em inglês “*Storytelling*”. A escolha desta estratégia pedagógica deriva de uma profunda crença de que a narrativa em si é uma prática natural para organizar a compreensão humana, bem como a aprendizagem e a ação dentro de dimensões interpessoais, intrapessoal e social. Acreditamos que o trabalho com a pedagogia da narrativa favorece o desenvolvimento de relações, faz com que os atores aprendam mais sobre si mesmos, possibilita reflexão, mudanças conceituais e atitudinais, resultando em aprendizado. A narração de uma história é de extrema utilidade tanto para professores como para alunos, pois favorece a organização de ideias e conceitos, fomenta a busca de adequação dialógica para a compreensão mútua, favorece a percepção de motivações e ênfases, bem como a identificação de problemas e lacunas. Acreditamos ainda que a pedagogia narrativa ressignifica o discurso de professores e alunos, expõe os seus conhecimentos pessoais e o seu cotidiano proporcionando desenvolvimento pessoal sustentável e mais satisfação em geral.

A elaboração e aplicação de aulas que possam, além de encantar, favorecer o processo de desenvolvimento conceitual e cognitivo dos alunos, são processos e estratégias que passam diretamente pela formação continuada do professor e, de acordo com Quadros, Silva e Mortimer (2018), o professor pode fazer uso de

estratégias que suscitam respostas emocionais positivas dos estudantes com caráter afetivo capaz de engajar os alunos no seu processo educativo.

Nesse sentido, o objeto de estudo deste trabalho surge com o desejo de estimular uma estratégia pedagógica para elaboração de suas aulas. Esta dissertação apresenta um estudo de caso sobre o uso de uma SD que foi concluída com a produção de vídeos no formato de *Storytelling* e com a consequente produção de um tutorial para aplicação dessa atividade para professores em formação. O trabalho surgiu diante da vivência do autor e o desejo de entender como os alunos se sentiam dentro do processo pedagógico quando dentro de estratégias metodológicas ativas

Com o objetivo de realizar uma atividade que pudesse trazer uma situação de interação mais próxima da realidade social (DA SILVA SWIDERSKI; CONCEIÇÃO COSTA-HÜBES, 2009) com o resgate de atividades utilizadas em um passado não tão distante e tratar de uma temática que se torna tão visível na sociedade, dois temas foram propostos aos alunos: o primeiro com plantas medicinais e o segundo impactos ambientais.

Como aponta Simões e Schenkel (2002), a formação de uma nova mentalidade sobre o uso de recursos naturais, desenvolvimento socioeconômico, respeito aos ecossistemas e manutenção das características culturais do país podem ser possíveis ao resgatar o tema sobre plantas medicinais.

Provavelmente, ao ser colocado diante da afirmação de que “a escola não muda, não evoluiu”, idealiza-se a necessidade da aplicação de novas ferramentas, de relatos sobre os impactos gerados e a busca por práticas que possam contribuir e favorecer o processo de ensino-aprendizagem, ainda que, como explica Mello (2000), as mudanças acontecem desde a década de 80 com, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), quando os conteúdos de ensino deixaram de ter importância em si e tornaram-se fonte de produção de aprendizagem para constituir competências.

Lembrando que, o sistema educacional, a estrutura da escola e os resultados relativos ao aprendizado são questionados, como aponta reportagem no site G1, mostrando que o Brasil está entre os 10 piores desempenhos do mundo em matemática no Pisa 2018 (MORENO e OLIVEIRA, 2019) e, embora haja inúmeros obstáculos, é possível destacar um deles: a falta de interesse do estudante em assistir às aulas. É importante destacar o que Pozzobon, Mahendra e Marin (2017) apontaram

em seus estudos: o termo “desinteresse” pode ser utilizado para apresentar algum responsável pelo desempenho de alunos.

Entretanto, resgatando o pensamento freiriano de a educação ser um processo humano, construído no tempo e no espaço entre os homens e levando em consideração que o processo pedagógico deve ser capaz de transformar, ser libertador, devemos desconstruir o paradigma do educador ser mero transmissor de conhecimento ou um disciplinador e sim um incentivador da experimentação, diálogo, debates, auxiliando no desenvolvimento de experiências para que o aluno consiga desenvolver as habilidades e competências, construindo assim sua posição na sociedade, de forma afetiva e se tornando capaz de formar, disseminar e avaliar conhecimento científico. Conhecimento esse descrito por Millen Neto (2010), que conceitua os saberes científicos como conteúdos acumulados em caráter formal, articulados e adquiridos por meio de instituições geradoras. Ele ainda acrescenta que processo de transmissão e seleção seria das escolas, mas apenas seria uma fração de um todo, uma vez que os alunos, sendo sujeitos desse processo, são muito além de uma tábua rasa.

Sobre o processo educacional ser um processo coletivo, como afirma Jordan (2005), o crescimento da capacidade de se comunicar, de diferentes formas e deixar registros de histórias vividas por um povo, deu início à cultura e, os grupos que apresentaram essa capacidade, conseguiram ter sucesso em seu ambiente. Por isso as redes sociais são ferramentas que impulsionam e aumentam a velocidade dessas relações sociais, ainda que seja necessário ter cuidados para que não se tornem armadilhas. Nesse sentido, existem metodologias e ferramentas que podem ser utilizadas por professores para auxiliar nos processos pedagógicos e, ao mesmo tempo atender parte do desejo dessa geração que anseia por conectividade e por interações digitais frequentes.

Dentro desta pesquisa foram desenvolvidas atividades aproveitando o interesse existente nas redes sociais¹, utilizando-as como meio para atividades escolares. O trabalho dos alunos foi postado em seus perfis nas redes sociais de forma não listada². Mediante o cuidado de ter todos os alunos cientes de como utilizar as ferramentas necessárias para produzir o próprio *Storytelling*, e com temas do

¹Disponível em: <<https://url.gratis/jfi4za>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

² A forma não listada na plataforma *YouTube* permite apenas quem tem o link visualizar o conteúdo.

currículo escolar sendo trabalhados, foram utilizadas sequências para o desenvolvimento dos vídeos nas turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

Manufatura de sequência didática com o uso do Storytelling para auxiliar e estimular professores na utilização da metodologia na sala de aula.

1.1.1 Específicos

- Elaborar uma sequência didática para produção de vídeo;
- Aplicar a sequência didática em turmas de ensino fundamental e médio;
- Desenvolver vídeos com narrativas sobre os temas investigados;
- Avaliar o impacto da produção de vídeos em formato de narrativas.
- Investigar o impacto provocado em cada etapa da aplicação nas turmas de ensino fundamental e médio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, será demonstrado a relação de metodologias ativas, aplicadas como SD e o uso do *Storytelling* como ferramenta de ensino e estratégia para mobilizar alunos de diferentes formas, favorecendo a participação e o aprendizado significativo.

2.1 Ensino na Educação Básica e a Covid-19

Como reflete Goldemberg (1993), o Brasil apresente deficiências descomuns no sistema educacional, também associado aos problemas de distribuição de renda. Sobre este último, os alunos que fazem parte dos grupos mais pobres são mais afetados por uma educação de baixa qualidade conforme Schwartzman (2005). Como pode ser observado, por muito tempo, a qualidade da educação foi investigada e, além daqueles citados anteriormente, muitos culpados foram apontados. Mas o que é possível apontar sobre a educação básica agora?

O mundo vive desde o primeiro trimestre de 2020 uma pandemia de Covid-19 e, como foi esperado, muitos setores foram abalados. Os problemas enfrentados afetaram a economia tornando-a instável e, como consequência, a educação passou por uma guinada levada ao conhecimento geral sobre o que Goldemberg relatava em 1993; ainda é uma verdade. Para apontar apenas um exemplo, já que seria possível listar muitos outros, a educação precisou se adaptar para respeitar o isolamento proposto em território nacional e as escolas com maior poder aquisitivo puderam atender quase que imediatamente essa demanda, enquanto as escolas menos abastadas demoraram nesse atendimento, se é que conseguiram atender seus alunos.

Associado à pandemia, as escolas passavam por uma mudança importante proposta pelo governo com uma lei de 2017, com uma mudança na organização do currículo com a pretensão de oferecer uma educação mais moderna e atual dentro da Base Nacional Comum Curricular, que inclui os itinerários e um olhar para formação profissional. (BRASIL, 2021).

A proposta de melhoria proposta por Klein (2006) estabelece baixar taxas de reprovação e evasão e a formação de habilidades em nível superior ao considerado básico. Ainda que as propostas para atingir essas metas sejam questionáveis, é

necessário entender que a escola faz parte da sociedade e por ela é modificada. Não seria interessante e nem seguro ignorar o papel da tecnologia, sobretudo seu papel no processo educacional.

Transformar o ambiente escolar e trazer um ambiente em que o aluno possa desenvolver habilidades para se tornar um sujeito ativo na sociedade deve ter como prelúdio o desenvolvimento de uma relação instigante entre a escola e todos os seus agentes. Então, chega o momento em que apontar para problemas já conhecidos se torna desnecessário. O ponto é encontrar soluções que precisam ser propostas com estratégias pedagógicas em que os alunos possam “colocar a mão na massa” devem entrar no radar dos professores.

2.2 Metodologias Ativas

Há tempos que a tecnologia atingiu o ambiente educacional, ainda que de forma insatisfatória (LEITE e RIBEIRO, 2012) e o movimento de mudança na educação trouxe debates sobre como a tecnologia pode proporcionar o engajamento dos educandos no processo educacional e que ficou conhecido como metodologias ativas (LIMA, 2017). E ainda de acordo com Morán (2015) a escola padronizada ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. Nesse contexto, na construção do que poderia ser chamado de uma nova escola, o objetivo seria a formação de alunos proativos sendo necessário a utilização de metodologia que promovam a participação em atividades mais complexas, onde os alunos tenham que tomar decisões e avaliar os resultados. As escolas já promovem adequações, como exemplo, utilizando a tecnologia, que pode ser vista como meio e fonte de trabalho. Como aponta Morán (2015) a tecnologia traz a integração de todos os espaços e tempos.

A fim de reforçar o que Morán apontou e reforçar essa proposta de uso de metodologias ativas, de acordo com Barbosa e Moura (2013) a aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor.

Portanto, é necessário que os alunos se tornem protagonistas de seu aprendizado e novas metodologias sejam inseridas no cotidiano escolar. Mas, sobre

o texto de Morán (2015), modelos mais inovadores, propostos por instituições precisam de supervisão de professores orientadores.

Assim, para trazer as metodologias para o cotidiano das escolas, é necessário o desenvolvimento profissional dos professores que só pode ser obtido a partir de uma formação básica adequada, indo além das chamadas competências operacionais, pela construção de um saber próprio e mais uma série de outros elementos (Filho e Ghedin, 2018). Evidenciando que a formação de professores tem mobilizado nacional e internacionalmente diferentes setores da sociedade (Kronbauer e Simionato, 2012, apud Filho e Ghedin, 2018, p.3).

Em síntese, a formação e a profissionalização dos professores percorrem o entendimento e aplicação de diferentes tipos de metodologias. Estas que serão escolhidas para atender os diversos objetivos pedagógicos. Para que a sala de aula deixe de ser o subproduto do industrialismo (VALENTE, 2014) é necessário que professores adicionem em seus planejamentos novas técnicas que vão além de utilizar objetos, ferramentas e materiais tecnológicos. Nesse contexto, entram as já citadas metodologias ativas.

2.3 Sequências Didáticas

Para definir o que são as sequências didáticas (SD) é possível começar com o fato de serem utilizadas como ferramentas para desenvolver projetos diversos dentro das salas de aula. Para os professores em formação, pode ser interessante a perspectiva de Zabala (apud MOTOKANE, 2015, p. 119) que as considera um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto por professores como pelos alunos.

Além desse aspecto, é descrito que, para a elaboração da sequência didática é necessário a organização de um bom plano de aula (MEIRELLES, 2014). Para isso a definição de temas deve ser estabelecida. Na presente pesquisa, os temas escolhidos foram pensados para desenvolver habilidades de pesquisa e disseminação de informações científicas, organizando-se etapas que possibilitassem, gradativamente, o desenvolvimento de habilidades prévias associadas e necessárias para cumprir os objetivos listados.

Vale lembrar que não há a intenção de apontar uma ferramenta ou método pedagógico estabelecendo ser este ou aquele o melhor. Compreende-se que o processo de formação docente representa um dos processos fundamentais para se adequar aos novos paradigmas educacionais (FILHO e GHEDIN, 2018). A intenção é apontar mais uma ferramenta aos professores para que consigam desenvolver espaços em que possam exercer sua prática pedagógica e que acompanhem as mudanças que ocorrem na sociedade.

Para a construção dessa pesquisa, o objetivo foi o de utilização do Storytelling como ferramenta final do trabalho e registro das atividades dos alunos. Entendendo a SD como instrumento de planejamento e objeto de pesquisa da prática docente (GIORDAN, GUIMARÃES e MASSI, 2011).

Entretanto, com a perspectiva de utilizar um modelo e perceber seu impacto, ao final do processo, foi solicitada a produção de um vídeo que sintetizaria o trabalho feito pelos alunos.

2.4 Uso do *Storytelling*

Não fica claro se há uma data para o início do uso de narrativas para fins educacionais e, por isso, é possível entender como as narrativas são importantes para a humanidade. Pense sobre como narrativas participaram de sua vida, em que formatos chegaram e que lições foram obtidas. Desde as pinturas rupestres deixadas por antigas populações de homens, lições religiosas antigas ou modernas até as histórias infantis e suas importantes lições. Como contam Carrilho e Markus (2014), o desenvolvimento de histórias nos acompanha desde a infância com a função de criar intimidade, confiança, bem-estar, fidelidade e comprometimento. Como foi pontuado por Jordan (2015) já na origem das espécies de primatas, ancestrais dos homens modernos, a capacidade de se comunicar, de transmitir informações entre gerações foi o diferencial, o que tornou possível que aqueles seres pré-históricos alcançassem o topo da hierarquia, mesmo não tendo vantagens físicas. Nesse conceito, o autor ainda pontua que desde os primeiros gritos e grunhidos que, posteriormente, se transformaram em imagens em cavernas, palavras e, com o avanço dos códigos da linguagem, narrativas de histórias que auxiliaram na divulgação de feitos corajosos ou valiosas informações sobre o passado e o presente.

Naturalmente, é possível entender que tais narrativas estariam por traz da formação da sociedade e tudo o que a forma, inclusive a escola. Neste ponto, é necessário reconhecer uma escola como local de educação e convivência, construção de relações e oportunidades de escutar e contar histórias, que a educação é uma ferramenta de desenvolvimento da sociedade, humanidade e vai muito além do que se impõem como função da escola, por isso, a educação precisa acontecer em diferentes ambientes e o professor precisa saber como usar todos os espaços e recursos, considerando como uma continuidade, uma extensão do espaço escolar e, dessa maneira, auxiliar os alunos em sua busca e no aprimoramento de conhecimentos, saberes científicos e do papel de um cidadão consciente.

Quando a educação formal já passa por mudanças há muitas décadas. A sociedade sofre mudanças que trazem um impasse (MORÁN, 2015): “como conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. “O autor adiciona que a tecnologia trouxe mudanças na forma como a informação é acessada, utilizada e o ensinar e o aprender acontecem no mundo físico e no mundo digital, como afirma Morán (2015).

Ademais o questionamento sobre para onde vai a educação, citando Aranha (1996), ela só pode ser compreendida em determinado contexto histórico e já havia entendido que o momento exigia algo novo. Como naquele momento, agora também é possível entender que diante de tantas inovações tecnológicas, redes sociais, uma pandemia que mudou a maneira do mundo pensar e agir surge a necessidade de repensar as estratégias, mudar os paradigmas, integrar a sociedade e permitir que a educação seja popular, no seu significado mais nobre.

Na verdade, uma forma popular e ancestral utilizada para a transmissão de conhecimento, cultura, valores e métodos é a produção de narrativas e o *Storytelling* traz a potência das boas histórias (ORTEGA, 2020).

O *Storytelling* é utilizado de forma ampla em plataformas digitais, projetos publicitários e campanhas de marketing. A Figura 1 traz um vislumbre do quanto o termo em inglês foi pesquisado nos últimos doze meses. Já a Figura 2 mostra a distribuição relativa desta da pesquisa em diferentes regiões e países no mesmo período, deixando para a especulação as possíveis motivações, o que poderia ser escopo de outra pesquisa.

É possível projetar que as buscas sobre o assunto aumentaram como resultado do crescimento do número de casos de Covid-19 e o aumento das restrições impostas por cada região.

Figura 3 - Quantidade de acessos para pesquisa sobre *Storytelling* no buscador Google



Fonte: Google Trends.

Figura 4 - Número de pesquisas feitas sobre o tema *Storytelling* por região no mundo. Regiões mais escuras apresentam maior número de buscas



Fonte: Google Trends.

É possível listar algumas grandes marcas que se utilizaram do storytelling em suas campanhas publicitárias. Marcas como a *Apple*, *Fiat*, *Toyota* e tantas outras³ que podem ser verificadas em plataformas de vídeos. Além das grandes marcas utilizarem o formato das narrativas para atingir seu público-alvo, é possível observar essa ferramenta em plataformas digitais distintas com os chamados influenciadores digitais abordando cada vez mais esse formato de vídeo.

Com esse entendimento sobre o crescimento da prática de construir narrativas e seus efeitos sobre o público alvo, é possível criar e desenvolver atividades para aplicação em sala de aula, com a produção de vídeos para estimular os alunos, tanto na criação de histórias, desenvolvimento de argumentos, uma vez que, de acordo com Cruz e Carvalho, a produção de vídeos desenvolve a criatividade, quanto na recepção de informações a partir de um *Storytelling*.

³Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1clS02EnBxY>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

3 ELABORAÇÃO E ETAPAS DA PESQUISA

3.1 Características Gerais sobre a Aplicação

A atividade metodológica foi aplicada no decorrer do período letivo do ano 2021, no Colégio Cenecista Educare de Itaúna, situado em Itaúna – Minas Gerais. A aplicação ocorreu nas turmas da educação básica, do 6º ano do Ensino Fundamental (EF) até a 3ª série do Ensino Médio (EM). Para fins de simplificar, as atividades realizadas com os alunos serão chamadas simplesmente de trabalho e foi fonte para os dados para o desenvolvimento dessa pesquisa sendo desenvolvidos entre fevereiro e outubro de 2021.

Além disso, o ano de 2021 foi marcado pela pandemia de Covid-19 e, por isso, durante o período de aplicação, houve uma série de mudanças nos processos que partem das exigências sanitárias. Assim, no primeiro semestre as aulas aconteceram no regime remoto e no segundo semestre no regime híbrido, parte dos alunos participando remotamente e parte dentro de sala com as instruções acontecendo durante os encontros e listados na plataforma digital da escola⁴. Inicialmente a pesquisa foi organizada para que o produto do trabalho dos alunos fosse registrado na rede Instagram, num perfil criado para esse projeto, mas, com o intuito de preservar a imagem e a saúde mental dos alunos, visto as críticas feitas ao *Instagram*⁵ e a possibilidade de postagem de vídeos mais longos, a opção da rede social utilizada foi mudada para o *YouTube*, também por todos os alunos das turmas participantes terem maior conhecimento dessa plataforma. Dentro da nova escolha, a diferença entre os regimes de aula, os formatos (remoto e híbrido) não foram limitadores da participação em nenhuma das etapas.

Sobre o perfil das turmas, houve pouca discrepância nas condições socioeconômicas. Trata-se de turmas de escola particular, todos devidamente matriculados, os alunos possuíam recursos tecnológicos para pesquisa e produção do material e, mesmo que esta possa ser uma observação pertinente para a aplicação em outras turmas, escolas com perfil social diferente, no presente trabalho não é possível relacionar nenhuma informação a respeito de possível interferência dos

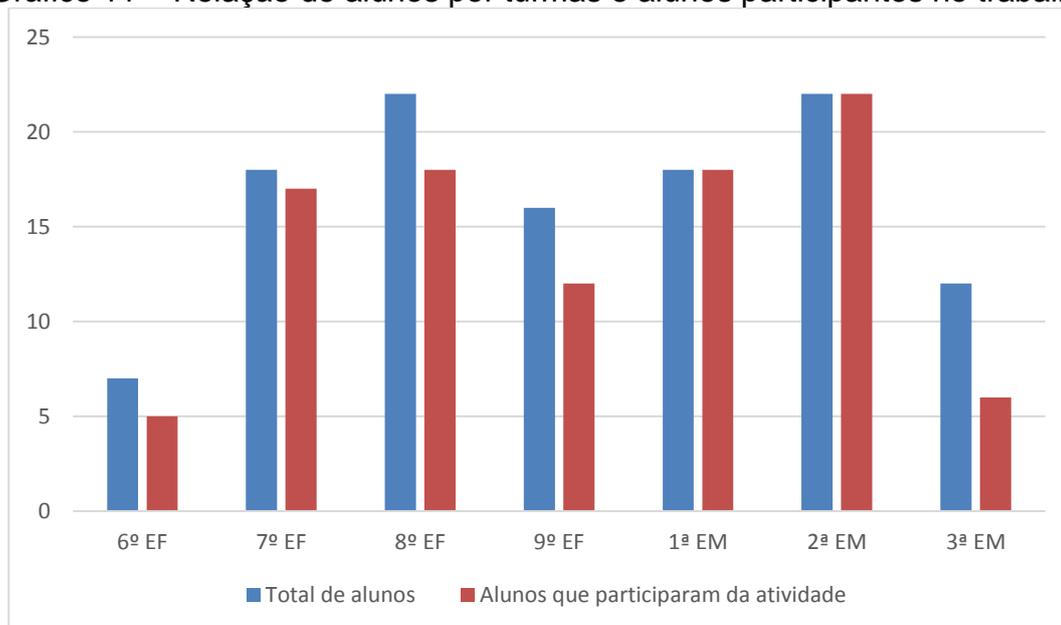
⁴ A escola conta com o suporte digital da rede Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC).

⁵ Há uma relação importante sobre como o Instagram pode afetar o cotidiano do aluno. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

padrões econômicos e sociais. Assim, sobre os recursos necessários, foram utilizados celulares e computadores para pesquisa, gravação, edição e postagem dos vídeos e as etapas do trabalho foram relacionadas como parte das atividades e projeto do ano letivo de 2021 da disciplina de Ciências e Biologia. Os alunos foram avaliados durante todo o processo para reconhecer o impacto gerado nas turmas.

Sobre os alunos em cada uma das turmas, o gráfico 1 mostra o número e quantos deles participaram da atividade. Como é possível verificar, as turmas apresentavam um número interessante de alunos que possibilitou acompanhar e orientar as etapas, da introdução até a apresentação final dos vídeos e houve um grupo de alunos que por questões pessoais ou legais não realizaram o trabalho e essa decisão foi respeitada⁶.

Gráfico 11 – Relação de alunos por turmas e alunos participantes no trabalho



Fonte: Elaborado pelo Autor

Não só o tamanho das turmas e as condições socioeconômicas foram observadas, mas também a idade dos alunos (entre 11 anos até 18 anos), possivelmente motivo pelo qual constatou-se algumas diferenças nas informações, recursos utilizados para a gravação dos alunos, a escolha do roteiro e o formato do vídeo. Observando que todos os alunos tenham apresentado para a conclusão de seus trabalhos o vídeo solicitado.

⁶Nas turmas, há alunos que os responsáveis não permitem o uso de redes sociais por motivos de segurança ou religiosos.

3.2 Discussão e Delimitação

O motivo que impulsionou a pesquisa começou com a percepção do crescimento da divulgação científica feita no Brasil com a utilização de vídeos em redes sociais, como é possível ver ao analisar o número de usuários presentes nas mesmas de alguns canais⁷ de divulgação científica que chegam a um número expressivo de seguidores⁸. De acordo com HARO (2008, apud SILVA 2010), “as redes sociais aumentam o sentimento de comunidade educativa, melhora o ambiente de trabalho ao permitir que o aluno possa criar seus próprios objetos de interesse”. Portanto, como já foi tema de Leite e Ribeiro (2012), Morán (2015) e Valente (1999) há muito tempo acontecem mudanças no ambiente educacional e a utilização de recursos digitais, mais especificamente, as redes sociais como ferramentas pedagógicas já entraram no ambiente educacional e o professor precisa dominar o uso dessa ferramenta. Então, para delimitar o trabalho e desenvolver um produto, o planejamento da atividade foi dividido na primeira etapa com o desenvolvimento de uma sequência didática nas turmas que culminariam no registro em vídeo dos dados obtidos e na segunda etapa a divulgação do mesmo, o vídeo que foi desenvolvido pelas turmas com a orientação para o uso do modelo de Storytelling. Com os resultados obtidos, foi construído um tutorial como modelo para uso das redes sociais em sala de aula.

Além da proposta de construção do vídeo, para organizar as etapas do trabalho foi estabelecida uma sequência didática (SD) que culminou nos vídeos de registro, também chamados de resultado do trabalho.

3.3 Escola Cenecista Educare de Itaúna

Seguindo à próxima etapa, foi necessário selecionar o local onde a sequência de atividades aconteceria e a escolha de onde aplicar a pesquisa foi o Colégio Cenecista Educare de Itaúna. Escola localizada na cidade de Itaúna-MG. A cidade conta com mais de oitenta mil habitantes, é reconhecida pela UNESCO como Cidade

⁷Para ilustrar tal afirmação, ao final de 2021 o canal do YouTube conhecido como Nerdologia apresenta mais de 3 milhões de inscritos no canal, ou seja, pessoas que consomem o material por eles produzido.

⁸Seguidores é o termo utilizado para definir aquele que acompanha as informações de um canal dentro de algumas redes sociais.

Educativa do Mundo, título conferido em 1975 de acordo com informações na página oficial da prefeitura municipal. A escola faz parte da rede Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e oferece a educação básica e superior. A rede CNEC conta com escolas em 18 estados e no Distrito Federal, apresenta uma proposta pedagógica que permite que o professor se torne mentor na construção do conhecimento para os alunos, com respeito aos limites e habilidades de cada um de acordo com a proposta da escola, divulgada em sua página oficial.

A escolha de aplicação no Colégio Cenecista Educare de Itaúna, além do que já foi listado, foi, primeiro, por ser o local onde o autor da pesquisa leciona e em segundo plano pela postura que busca e permite ao professor inovar o ambiente de sala de aula com formatos e metodologias atrativas.

Partindo então para o desenvolvimento do planejamento geral da atividade, a definição dos passos para a construção do vídeo e o tempo que os alunos teriam.

3.4 Planejamento da Atividade

O planejamento feito para aplicar o trabalho com os alunos e a análise dos processos para atender o objetivo da pesquisa foi feito considerando as características de cada turma, o tempo, a capacidade individual e o programa de ensino fornecido pela rede de ensino que organiza a escola e apresentou as etapas descritas da seguinte forma.

3.4.1 Apresentação Geral da Atividade

Inicialmente, foi apresentado o tema e o formato que os alunos deveriam seguir durante o trabalho. A organização da sequência didática levou em conta o tempo necessário para o trabalho, as etapas que aconteceriam dentro e fora da sala de aula e os recursos que seriam utilizados.

Em síntese, o trabalho que os alunos deveriam executar foi planejado como um SD. Na primeira etapa houve uma conversa para registro do que já se conhecia sobre o assunto e ali foi feita a divulgação de textos com informações técnicas sobre o assunto, uma cartilha⁹ e um texto do livro didático. A instrução dada foi que deveriam

⁹Disponível em: <https://saude.campinas.sp.gov.br/saude/assist_farmaceutica/Cartilha_Plantas_Medicinais_Campinas.pdf>. Acesso em: 1 de fevereiro de 2021.

fazer a leitura para a aula seguinte e se prepararem para uma roda de conversa, estabelecendo uma aula invertida que foi finalizada com posicionamentos listados durante o evento.

Com a organização das concepções, os alunos passaram para a próxima etapa: realizar uma pesquisa mais profunda e técnica para conhecer conceitos e organizar os modelos para tratar o assunto tema. Os alunos foram orientados a buscar informações em seus grupos familiares. Cada um pesquisou para descobrir como entes próximos utilizavam essas plantas ou reconheciam assuntos relacionados às questões ambientais, coletando histórias potencialmente interessantes. Eles listaram as histórias para seus pares, atividade feita fora de sala de aula e fizeram o relato nos vídeos onde utilizaram a comparação de informações obtidas em artigos, páginas especializadas e manuais sobre o assunto. Foi feita a apresentação dos vídeos produzidos por cada aluno, tendo o cuidado de apresentar apenas na turma do aluno em questão. Após exposição, os alunos puderam, através de comentários, contribuir com os colegas. Para a segunda etapa onde aconteceu um teste escrito sobre o tema.

3.4.2 Textos aplicados

Como os dois temas já eram temas que tinham sido tratados em outros momentos nas turmas, foi feito um planejamento para que os alunos tivessem uma visão ampliada dos assuntos. Nesse sentido, a aplicação de informações que mostrassem que os temas são tratados muito seriamente pela ciência. Além disso, “a aprendizagem de conteúdos de ciências é um processo que requer construção e reconstrução de conhecimentos” (BASTOS et al., 2004).

O primeiro texto, para as turmas do 6º EF até 1ª EM, foi uma cartilha que traz desde as formas de utilização até as espécies utilizadas como plantas medicinais. Diante do conhecimento de diferentes formas de utilizar plantas, os alunos pontuaram durante a roda de conversa como suas famílias utilizavam as plantas e pontuaram que em algumas situações os familiares não chegavam a procurar auxílio médico para verificar possível problema de saúde e, neste momento foi feita uma pesquisa extra para verificar como a medicina reconhecia o uso de plantas medicinais. O resultado

deste momento foi considerado interessante por cerca de 80% dos alunos em pesquisa feita e os demais disseram que apenas confirmaram informação conhecida.

Sobre o texto das questões ambientais, o trabalho gerou muita informação visto a situação de alterações ambientais que foram geradas na cidade naquele momento. As turmas do ensino médio que abordaram o tema apresentavam boa capacidade crítica sobre assuntos da sociedade e fizeram bom levantamento das situações vividas, discutindo e revendo a temática. Ficou evidenciado nos vídeos produzidos por eles uma indignação sobre a forma que o tema Ambiente é tratado na cidade, seja pelo poder público ou privado.

3.4.3 Pesquisa feita pelos alunos

Na etapa de pesquisa, o primeiro passo foi a organização e apresentação de fontes confiáveis e buscadores digitais para localizarem artigos e informações científicas, visto ser um dos objetivos da atividade. Como o foco era fazer com que os alunos conhecessem artigos no formato digital, partiu-se da ferramenta apresentada pelo *Google* como fonte inicial de artigos. Posteriormente, fontes como o SCIELO Brasil e de Universidades foram apresentadas e, não obrigatoriamente, os alunos poderiam pesquisar seu tema e buscar artigos para embasar e atualizar as informações antes trabalhadas. Quando apresentadas as fontes, os alunos foram organizados em duplas para realizar a pesquisa, buscando primeiro informações individualmente e depois eles divulgaram os resultados da pesquisa entre os componentes das duplas e organizaram dados levantados para organizar o trabalho. E em virtude, no primeiro trimestre do ano, das aulas acontecerem remotamente, foi possível fazer a demonstração de plataformas de pesquisa científica e buscadores digitais para promoção da pesquisa como ferramenta de aprendizado e, ao mesmo tempo, auxiliar na escolha das fontes de pesquisa e busca disponíveis na internet os alunos, durante a obtenção de informações, eles receberam orientação e uma lista de possíveis fontes¹⁰.

Foi combinado um prazo de sete dias para que os alunos apresentassem o relatório da dupla e suas fontes. Acompanhando a entrega, eles fizeram uma roda de

¹⁰ Durante a aplicação da pesquisa, foram divulgados aos alunos endereços eletrônicos de universidades federais e particulares que pudessem ser utilizadas para a execução da atividade e outros sites que disponibilizam artigos, cartilhas e informações sobre o assunto.

conversa para apresentar seus dados, pontuar qualquer possível relação e levantar questionamentos diversos. O ensino por investigação, onde foi apresentado uma situação problema que guiou os alunos em suas pesquisas e o momento também foi marcado dentro da metodologia de sala de aula invertida¹¹.

Ainda nessa etapa, os alunos buscaram informações por meio de uma entrevista feita entre seus grupos de convivência, sem que houvesse restrição sobre número de entrevistados e quaisquer características que tivessem, para compreender como as pessoas entendem o tema abordado, mas, respeitando os protocolos utilizados para a pandemia de Covid-19.

Finalizada a etapa, os alunos puderam passar à etapa de roteirização de seus vídeos e organização dos recursos. Tarefa feita por meio de pesquisa em tutoriais e, aqui foi interessante reconhecer que alguns alunos já faziam a produção total de vídeos e postagem em seus canais pessoais.

3.4.4 Produção e apresentação dos vídeos

Os alunos tiveram duas semanas para produzir seus vídeos e, foi perceptível maior trabalho e interesse dos alunos. Esse dado foi registrado por conversa com as turmas e pesquisa feita e será demonstrada a seguir.

Os vídeos gerados foram padronizados para manter um formato que facilitasse a análise posterior devendo ter até dez minutos mesmo que vídeos curtos fossem mais indicados, ter formato de *Storytelling* contando histórias inspiradas nas entrevistas feitas durante a pesquisa. Não havia necessidade de exposição de imagem para a produção do vídeo e a criatividade dos alunos foi estimulada.

Antecipando possível questionamento sobre o formato e para sanar questões sobre o que seria exigido, foi apresentado um vídeo¹² exemplificando e, a partir dele, buscaram outros para entendimento da ferramenta. Com conhecimento adquirido, os alunos começaram o planejamento do que utilizariam como informações nos vídeos que construiriam, parte da roteirização do vídeo listada anteriormente. Neste momento foi observado que alguns alunos demonstraram insegurança em relação ao que

¹¹ Sala de aula invertida é uma modalidade em que o conteúdo e as instruções são estudados antes de frequentar a sala de aula (Valente, 2014).

¹² Vídeo utilizado mediante autorização para apresentar o Storytelling: https://www.youtube.com/watch?v=kdTYYNg2_M0

deveriam construir e, para resolver esse problema, foi feito um trabalho em pares onde os questionamentos foram sanados e ao final, os alunos puderam expor aquilo que aprenderam sobre o que era o *Storytelling*.

Assim, teve início uma nova etapa onde, com o roteiro, eles organizaram recursos para gravar um vídeo com uma narrativa sobre o tema definido para cada turma. Aqui é válido pontuar que a maioria dos alunos tinham ou fizeram um perfil na plataforma e aqueles que não tinham utilizaram o perfil de seus responsáveis.

Ao solicitar que os alunos fizessem as postagens na plataforma e uma fração deles não tenha aderido, foi feito o questionamento sobre o motivo de não terem um perfil e duas respostas foram obtidas: a falta de permissão para entrar em redes sociais ou por não desejarem aderir às mesmas. Diante deste fato, os alunos que não possuíam perfil na rede YouTube, utilizaram perfil de algum responsável.

Assim que os discentes terminaram esta etapa e carregaram¹³ seus vídeos no *YouTube*, lembrando aqui que estão como “não listados”¹⁴, os links foram enviados ao professor dentro da plataforma digital de comunicação utilizada pela escola e, após apreciação dos mesmos, foi feita a exposição¹⁵ dos vídeos para as turmas.

3.4.5 Resultado do trabalho dos alunos

O processo de avaliação dos trabalhos foi elaborado para tentar entender como os alunos evoluíram seu conhecimento sobre os assuntos, se conseguiram desenvolver habilidade de comunicação, pesquisa e avaliação de informações utilizando ferramentas que pudessem gerar registros dessa evolução.

Dessa forma, foram aplicados dois testes com perguntas relacionadas sobre os assuntos, a avaliação das informações contidas nos vídeos, debate sobre os temas nas turmas e um questionário¹⁶, para coleta de informações que poderiam elucidar algumas questões que serão abordados agora.

A princípio, fugindo de uma sequência linear da descrição do processo de avaliação, durante a aplicação das atividades nas turmas, alguns alunos levantaram

¹³ Termo utilizado para descrever que o vídeo foi carregado na plataforma e pode ser visto por outros.

¹⁴ Significa que somente aqueles com o endereço eletrônico podem visualizar o vídeo.

¹⁵ Como a exposição era experimental, cada turma teve a exposição dos vídeos apenas dos alunos que dela participavam. Essa atividade foi feita nesse formato para não expor alunos muito tímidos a uma exposição que poderia ser um problema para trabalhos futuros.

¹⁶ Disponível em:
https://docs.google.com/forms/d/19OYSmFaUk4uvbB1t_u1nQql1cN9GGGHYI6ngcowxTMA/prefill

algumas questões consideradas importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa que é a relação dos alunos e de como se sentiam dentro de sala de aula desde quando estavam sendo avaliados, na aplicação das atividades pedagógicas desenvolvendo os projetos propostos por instituições de ensino até nos estudos em seus lares.

Como a conversa ilustra parte da preocupação que gerou a necessidade da presente pesquisa, e para registro, será feito uma transcrição do diálogo que aconteceu na etapa em que os alunos estavam fazendo a pesquisa.

Aluno 1: Professor, esse projeto é sei lá (pausa) estranho.

Professor: Qual o motivo de você achar estranho? Não entendeu ou é outra coisa?

Aluno 1: Professor, eu prefiro que o senhor explique o assunto. Como vou saber se o que eu estou lendo é certo?

Professor: Quanto mais fontes de referência, mais fácil a avaliação das informações.

Aluno 1: Eu queria que (...). O senhor vai explicar este assunto depois?

Professor: Você não está seguro que sua pesquisa vai esclarecer as questões sobre o tema?

Aluno 2: Professor, eu acho que queria uma aula do assunto também. É mais fácil quando o professor já fala o que preciso saber.

Aluno 1: É melhor mesmo, né?!

Professor: Concordo que possa parecer mais fácil. Mas... e quando vocês precisarem descobrir algo e não tiverem um professor por perto?

Aluno 2: Professor, vamos fazer igual todo mundo faz! O professor explica e o aluno ouve e aprende.

Professor: (Risos) Vocês não querem pesquisar por achar difícil ou por preguiça?

Aluno 2: (Risos)

Aluno 1: Ah, professor! (Pausa) Tem tanta coisa! (pausa).

Professor: Calma. No final, vocês vão gostar do resultado.

A conversa relatada trouxe um exemplo sobre o quão desafiador é a ruptura das práticas pedagógicas tradicionais e práticas que podem ser consideradas mais modernas ou efetivas. Ponto a ser considerado nos planejamentos e, ainda mais importante, na elaboração dos projetos pedagógicos das escolas.

Retomando a linha do tempo, os alunos foram submetidos a uma avaliação diagnóstica para saber o quanto sabiam sobre os temas que seriam trabalhados e, para não influenciar o que aconteceria durante o trabalho, a avaliação foi feita dentro de um simulado e posteriormente receberam os textos iniciais. Na primeira avaliação ficou registrado que as turmas já tinham algum conhecimento sobre os temas, visto serem conteúdos trabalhados em outras etapas da educação infantil e fundamental. Ficou evidente que algumas informações precisavam ser trabalhadas e elaboradas junto às turmas. Como exemplo, os alunos confundiam o uso de fitoterapia, plantas medicinais e homeopatia e apresentaram dificuldade em relacionar o que seriam ações degradantes e crimes ambientais.

Foi possível observar grande evolução à medida que avançavam nas pesquisas aumentando o número de informações sobre os temas. Ressaltando a observação feita durante as atividades que as questões ambientais ganharam destaque, principalmente nas questões sobre a ação humana no ambiente urbano, pois a cidade enfrentou dois acontecimentos¹⁷ ambientais, o que despertou o interesse e as críticas dos alunos. Mais informações sobre as avaliações serão relatadas durante o texto.

Durante a execução do projeto, foram planejadas duas rodas de conversa para que os alunos pudessem apresentar informações sobre os temas, seriam a produção de vídeos, narrativas e expressar o que eram os principais objetivos de suas produções. Os debates foram realizados utilizando uma aula para cada, lembrando que as aulas tinham um total de cinquenta minutos (50 minutos). Além disso, as rodas de conversa entre os alunos foram realizadas, com a intenção de dar mais abertura, com menos formalidades para troca de informações, busca de soluções para os problemas até ali enfrentados.

A avaliação do vídeo contou com critérios estabelecidos com os alunos no momento da apresentação do projeto. Os vídeos deveriam conter um tempo entre cinco (5) e dez (10) minutos, postados na plataforma de vídeos digitais Youtube, conter informações das entrevistas e das pesquisas feitas. Deveriam ser de autoria e produção dos alunos e disponibilizados via link na plataforma. O critério de avaliação do conteúdo levou em consideração a clareza das informações e a forma como

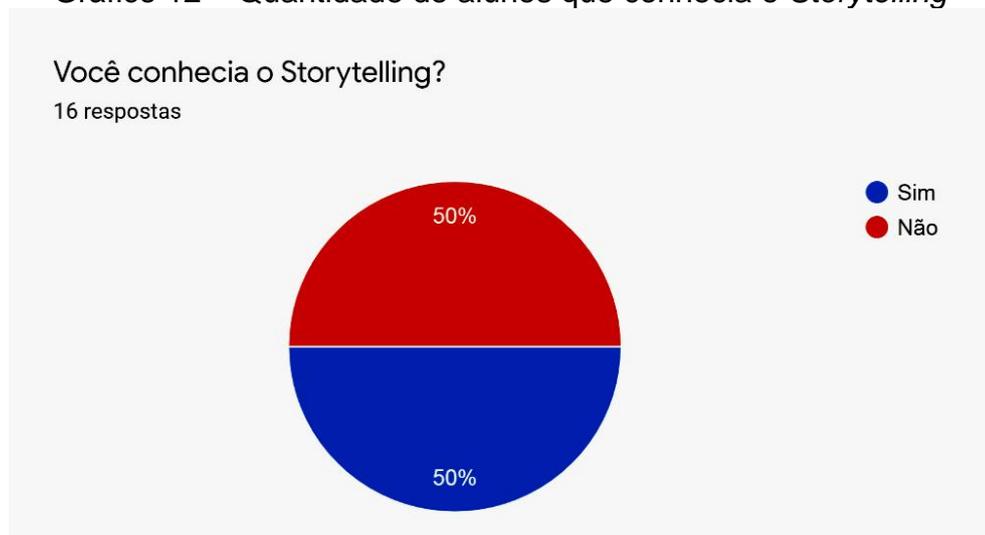
¹⁷ Durante o ano uma enchente que afetou uma fração da cidade e incêndios nos arredores que provocaram problemas. Acontecimentos recorrentes que ganharam especial destaque graças a intensidade daquele ano.

impactaram os convidados a julgarem. Estes convidados foram escutados pelo professor para relatar o que acharam dos vídeos e qual era a avaliação de cada um deles. Sobre o perfil dos convidados, dois deles professores e um graduando. A pontuação dada foi analisada e utilizada para o trabalho dos alunos atendendo o processo de avaliações da escola e, para esclarecer, o autor da pesquisa optou por não definir a pontuação atribuída aos alunos.

Por fim, para buscar mais informações complementares, foi enviado um questionário (APÊNDICE A) onde os alunos foram convidados a responder. Para a produção do questionário, seguindo modelos disponibilizados, foram utilizadas perguntas de diferentes moldes com respostas únicas, de ranking, dicotômica, escala de Likert e outras foram utilizadas.

O questionário, ele continha um texto de introdução com informações sobre o assunto e que os dados obtidos seriam utilizados no presente trabalho. As duas primeiras perguntas tinham o objetivo de identificar os alunos e a qual turma pertenciam. As perguntas da sequência tinham conteúdos sobre o tema do trabalho a primeira sobre o tema que pretendia traçar de forma simplificada quem já tinha tido contato com o tema Storytelling como métrica para reforçar a importância de incluir no planejamento maiores explicações referentes às ferramentas que serão utilizadas ao longo dos projetos. No gráfico 2 é possível observar o número de participantes que conheciam o tema.

Gráfico 12 – Quantidade de alunos que conhecia o *Storytelling*



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Dando continuidade, foi possível constatar que alguns alunos apresentaram vídeos fora do padrão estabelecido e outros não apresentaram informações relacionadas ao que seus entrevistados apresentaram. Foi possível identificar por terem feito a transcrição e posteriormente a apresentação em uma das aulas destinadas ao projeto para que fossem feitas considerações, comparações e comentários diversos. Para aqueles que não cumpriram as exigências e que apresentaram vídeos fora do padrão foi oferecido a oportunidade de avaliar e comparar seus resultados. Caso entendessem a necessidade de mudança, poderiam regravar e apresentar novo vídeo dentro do prazo de sete dias. O que surpreendeu foi que dos cinco trabalhos apresentados com discrepância, apenas um deles reapresentou. Nesse ponto foi entendido que os alunos não tiveram interesse na proposta, e como explicita Neto (et al.,2010), o desinteresse pode ser motivado por fatores internos e externos na sala de aula, cabendo ao professor planejar alternativas para processos que envolvam avaliações e principalmente para que se possa atingir os que apresentam desinteresse. Nesse caso, foi dado aos alunos a chance de buscar informações sobre o tema e passaram por uma avaliação escrita, mas cabe aqui a busca de soluções mais apropriadas e nesse sentido tema para outra pesquisa.

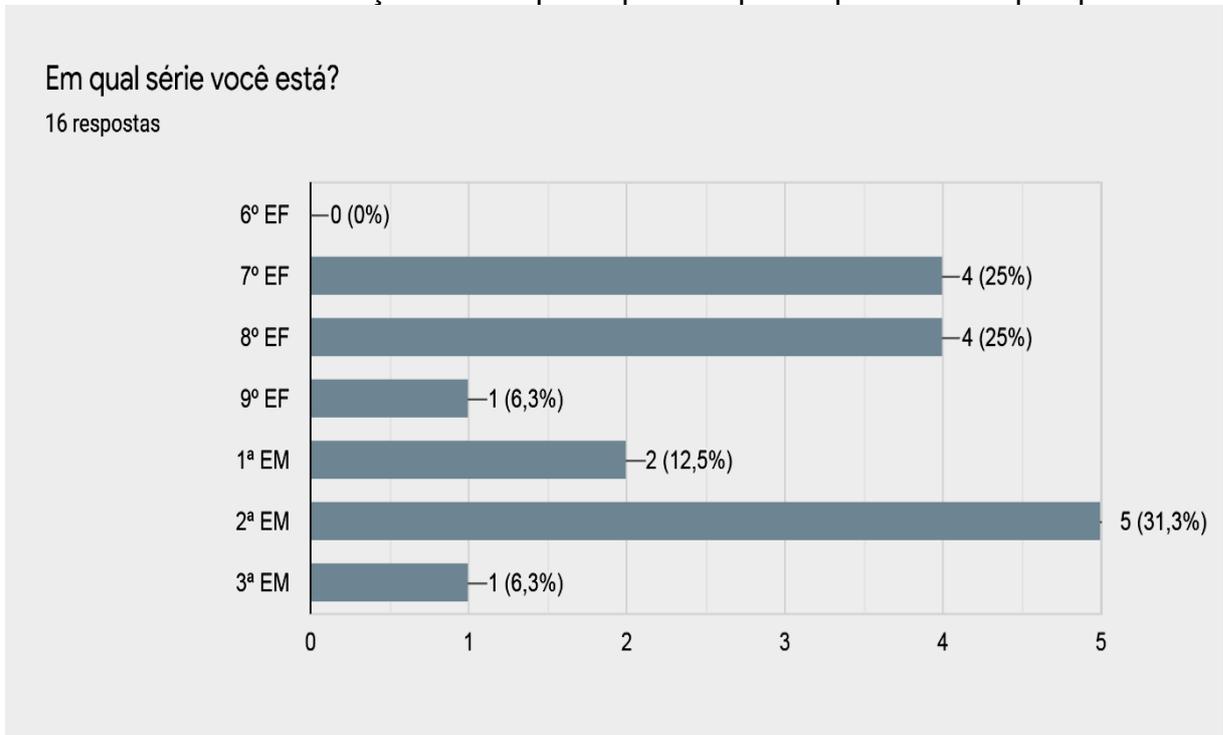
Com a roda de conversa, que aconteceu depois da apresentação dos vídeos nas turmas dos vídeos os alunos puderam mostrar um pouco de seus trabalhos e de pontos sobre os processos utilizados, as dificuldades e características que tenham considerado interessante. Cabe registrar que a apresentação foi feita apenas para a turma do aluno, considerando que os alunos pudessem se sentir desconfortáveis por possível julgamento feito por alunos de outras turmas.

Então, quando aplicada outra avaliação foi possível perceber uma evolução e maior maturidade dentro das respostas obtidas dos alunos. A principal mudança foi em relação ao tema ambiental que teve um aumento no índice de acerto de 60%¹⁸. Sobre as plantas medicinais o acerto aumentou 48%. Do mesmo modo que houve um aumento no acerto nos testes, pode-se questionar a efetividade das avaliações tradicionais como faz Moysés e Collares (1997), mas, ainda assim, deve-se pontuar que são ferramentas utilizadas em muitos momentos e, somadas a outros processos, podem se tornar eficientes para entender pontos frágeis de um assunto trabalhado e há necessidade de mais estudos sobre o mesmo. Os alunos do 6º EF

¹⁸ Nos dois testes foram utilizadas questões com alternativas para que fosse selecionada a correta.

não responderam o questionário e não justificaram, já os demais o fizeram conforme o gráfico 3.

Gráfico 13 – Informações sobre participantes que responderam a pesquisa



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Outro ponto do questionário foi sobre o desejo de divulgar o vídeo produzido e, ao contrário do que era esperado no planejamento dessa pesquisa, os alunos preferiram não ter seus vídeos divulgados, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 14 – Interesse em divulgar o vídeo produzido



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Em conversa com os alunos, eles apresentaram como justificativa o fato de terem vergonha e o que foi possível perceber é que eles apresentam receio de não agradar outros jovens, ainda que seus trabalhos tenham tido bons resultados. Quando questionados sobre o assunto, responderam que não se sentiriam confortáveis ou acreditavam que os vídeos não estavam bons o suficiente, o que foi demonstrado no gráfico 5. Para produção deste item, foi utilizado a escala de Likert que permitiu ter uma visão geral da opinião sobre o trabalho relatada pelos próprios alunos como previsto diante do trabalho de Aguiar, Correia e Campos (2011).

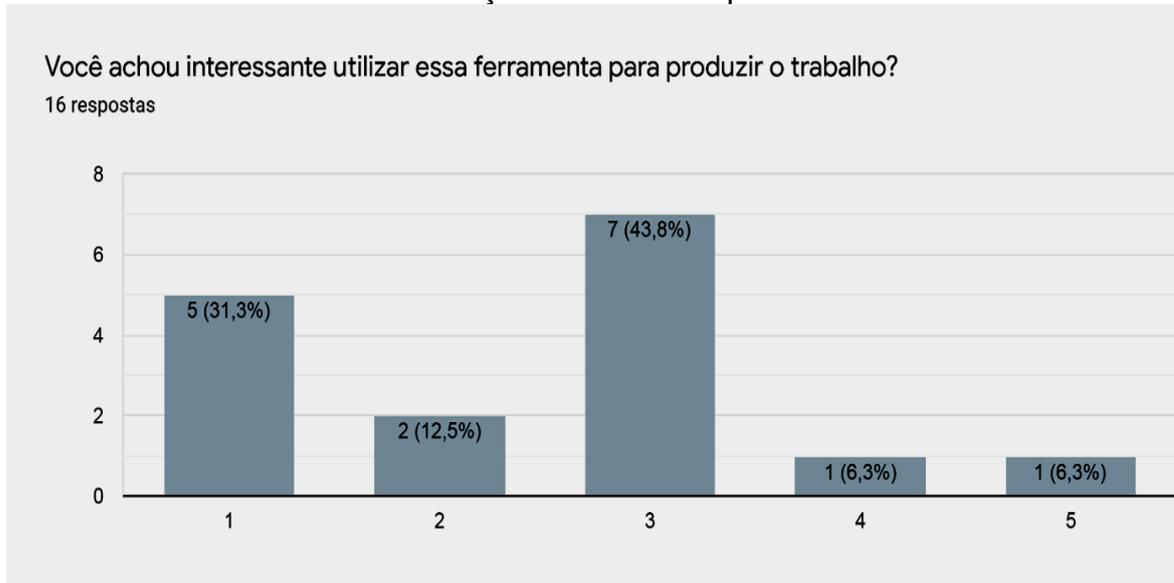
Gráfico 15 – Avaliação da satisfação do aluno em relação ao resultado do vídeo



Autor: Elaborado pelo Autor.

Contudo, ao buscar mais informações sobre a resposta dos alunos, a justificativa dada é que havia interesse por vídeos com *Storytelling* e em receber informações com vídeos no formato de *Storytelling*. Ao contrário do que se esperava, nem todos os alunos ficaram entusiasmados com a produção de trabalhos com temas definidos e, em outro trabalho, se pudessem produzir vídeos sobre outros temas seria mais atrativo. O gráfico 6 mostra que a maioria dos que responderam o questionário apresentaram interesse mediano na ferramenta para tratar dos temas escolhidos. Ao questioná-los, foi possível entender que eles preferem utilizar a ferramenta para produzir conhecimento de forma mais livre.

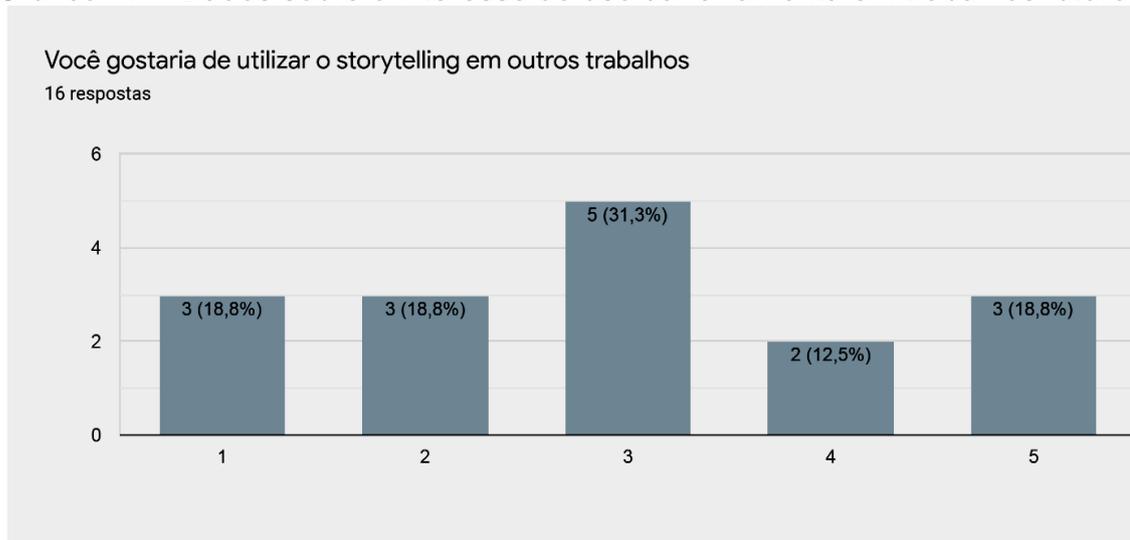
Gráfico 16 – Relação do interesse pela ferramenta



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Provavelmente, a relação dos dados sobre produzir vídeos sem que houvesse limitação do tema seja a justificativa dos dados do gráfico 7 que complementa e o desejo de utilizar futuramente a ferramenta. Vale reforçar que, diferente esperado, apenas 18% dos alunos relataram interesse pleno pela ferramenta.

Gráfico 17 – Dados sobre o interesse do uso da ferramenta em trabalhos futuros

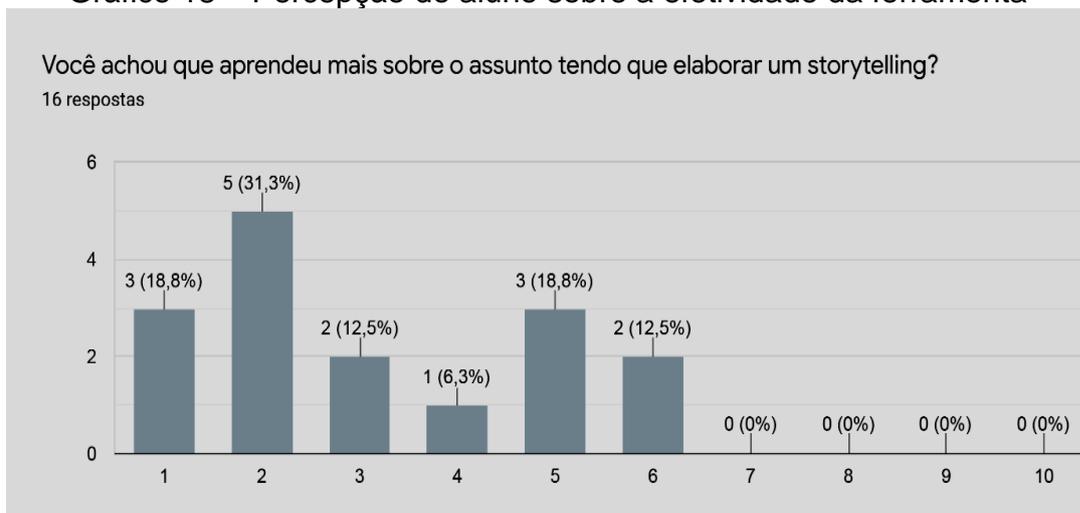


Fonte: Elaborado pelo Autor.

O resultado do gráfico 8, com registro de dados sobre o quanto os alunos aprenderam e, nesse ponto vale ressaltar que a autoavaliação aqui traz uma luz sobre a visão do aluno quando ele faz uso de um recurso antes não considerado. Assim,

para a presente pesquisa, a informação sobre como os alunos percebem seus resultados foi relevante para corroborar um aspecto levantado no planejamento das atividades sobre a importância dada ao processo de avaliação. Uma fração dos alunos concordaram com o sucesso da ferramenta no processo pedagógico e o resultado dos testes aplicados consolida tal informação, mesmo que alguns não tenham tanta confiança no processo ou nas ferramentas escolhidas.

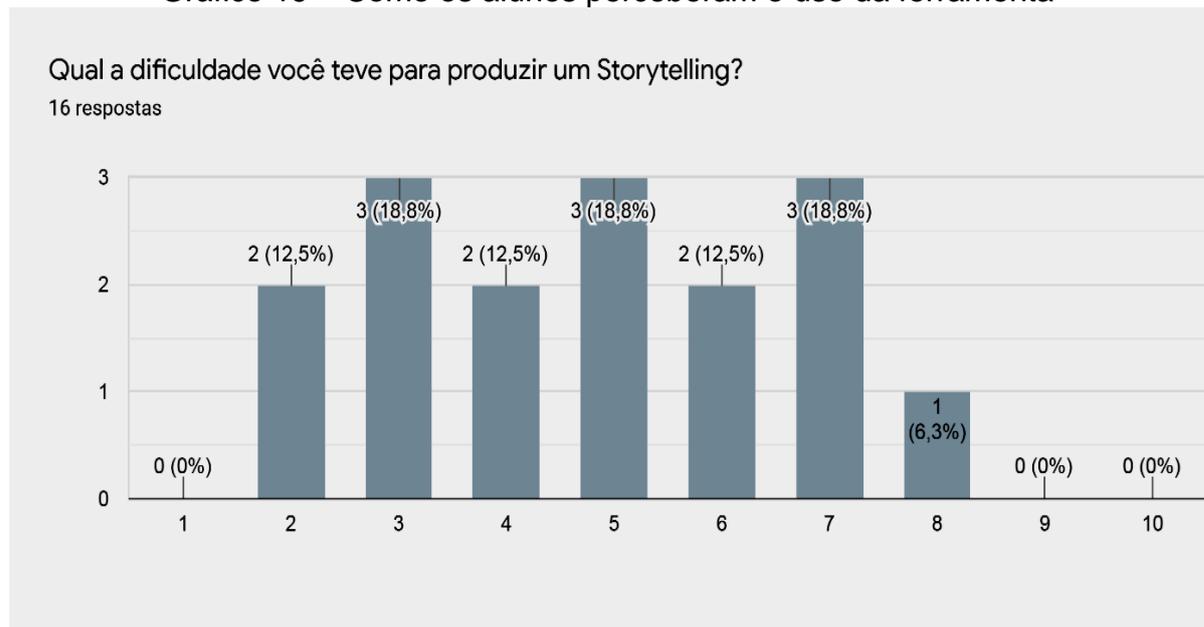
Gráfico 18 – Percepção do aluno sobre a efetividade da ferramenta



Fonte: Elaborado pelo Autor.

E feita a pergunta sobre o quão difícil possa ter sido utilizar a ferramenta, com resultados no gráfico 9, a distribuição dos alunos em relação a cada resposta pode ser um indicativo relevante para uma futura aplicação. Em síntese, o que foi observado é que poderia ter sido pertinente, para aplicação do trabalho, um treinamento para desenvolvimento da ferramenta, roteirização, gravação e edição dos vídeos e uma oportunidade para trabalhar junto com outras áreas e disciplinas.

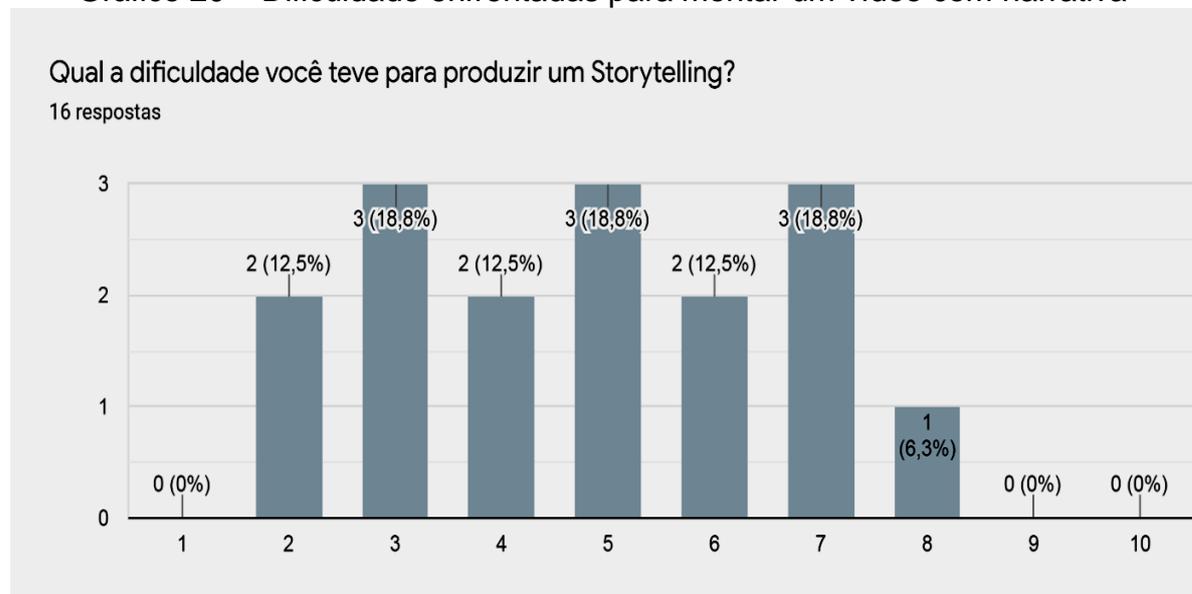
Gráfico 19 – Como os alunos perceberam o uso da ferramenta



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Por certo, é fácil afirmar que a internet oferece aos alunos facilidades desde que eles possuam algum domínio das ferramentas de busca e, ainda que haja indicações sólidas, alguns alunos apresentaram dificuldades em localizar auxílio necessário, como mostra o gráfico 10. Assim como foi necessário para o êxito da atividade que os alunos fossem orientados, os professores que pretendem utilizar a ferramenta digital, precisam dar a orientação adequada aos alunos como parte de seu planejamento e desenvolvimento de atividades que utilizem recursos digitais.

Gráfico 20 – Dificuldade enfrentadas para montar um vídeo com narrativa



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Ao final do trabalho, para concluir o processo com os alunos e atender as demandas de notas das instituições de ensino, foi atribuído um sistema de notas com base nas etapas anteriormente listadas. De forma geral, o que foi feito é a percepção do que cada aluno alcançou com a atividade somada, ao resultado apresentado nos testes aplicados (ou provas, como preferir) e o resultado dos vídeos desenvolvidos. No sistema de notas da escola, foi adotado o valor de dez pontos, dos quais a pesquisa valeria dois, o vídeo quatro e os testes somados teriam o valor também de dois pontos cada.

Em relação ao compilado das notas, os alunos atingiram notas de acordo com o que foi apresentado e os testes tiveram diferenças consideráveis entre a primeira e a segunda. Além da relação de valorização e pontuação de testes, uma série de dados foram observados e parte deles registrados para a construção desse trabalho.

4 DISCUSSÃO DO RESULTADO DOS TRABALHOS

Durante o planejamento dois pontos foram levados em conta. O primeiro segue o idealizado por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) que era romper com o pressuposto de que a apropriação de conhecimento ocorre pela mera transmissão mecânica de informações. E o segundo ponto, vindo dos mesmos autores a utilização de diferentes pontos de apoio e não somente o livro didático. Outra dimensão que motivou o formato de trabalho foi a tentativa de possibilitar atividades para o desenvolvimento e uso de habilidades de inteligência emocional dos alunos (GOTTMAN, 1997).

Retornando ao que já foi citado por Bastos e seus colaboradores (2004) sobre a aprendizagem ser um processo de construção e reconstrução de conhecimentos, é necessário entender que assuntos abordados precisam continuamente voltar ao cotidiano dos alunos, indo além do ambiente e espaços escolares. Como coloca Queiroz (2010), a função do ensino de Ciências é permitir a formação do cidadão crítico e consciente.

Nessa pesquisa, além dos dados sobre as informações adquiridas pelos alunos, observou-se diferentes dados que não foram previstos durante o planejamento, como por exemplo a diferença entre os modos de observar dados obtidos em pesquisa. Constatou-se que as diferenças não são formadas por velhos problemas apontados no ambiente escolar como o de interpretação, mas por cada aluno ter uma perspectiva distinta e, por isso, dar um valor de importância diferente. Por exemplo, enquanto alunos apresentam forte crença nas plantas medicinais, outro grupo tinha completa descrença em seu uso e no outro tema, alguns alunos que viviam em berço familiar mais industrial acreditavam em um sistema mais consumista não ser o responsável por problemas ambientais. O outro tinha total certeza da culpa do consumo. Outra observação feita foi sobre como uma fração dos alunos relatou achar que os temas não são importantes, ainda que alguns deles tenham apresentado vídeos interessantes. Ao ser questionado, um aluno relatou que o tema de questões ambientais é antigo, ninguém chega a lugar nenhum e não toma nenhuma decisão. Por isso, foi instruído a buscar informação sobre como poderia contornar essa questão.

Diante de todos os resultados visualizados, ficou decidido que as observações estariam sempre relacionadas ao desejo de estimular a divulgação científica e

desenvolver nos alunos o conhecimento desse tema, mostrando alguns caminhos que poderiam ser utilizados. Neste sentido, o resultado foi interessante pois os alunos conheceram novas fontes de pesquisa, fontes de divulgação científica, a formação do questionamento de fontes recebidas em redes sociais, o questionamento da origem de informações, a observação de alunos vencendo a timidez e fazendo um trabalho consciente para apresentar as informações necessárias. Os alunos tiveram que resolver problemas ao trabalhar em duplas e desenvolver habilidades novas para a produção dos vídeos.

5 CONCLUSÕES

Partindo da premissa que a educação é indispensável para o desenvolvimento plural da sociedade e que, naturalmente sua forma em termos de abordagens e estratégias de ensino reclamam por ressaltar avanços de outros setores como a economia, tecnologias disponíveis e incorporação de avanços pedagógicos. Torna-se necessário que os professores em formação inicial ou continuada tenham pelo menos conhecimento sobre possibilidades educativas, utilizando competentemente ferramentas digitais. Almejando contribuir para a busca permanente destes objetivos, o trabalho apresentou a experiência de uma estratégia de uso da tecnologia dentro de uma sequência didática.

Mesmo que o uso das metodologias ativas não seja uma novidade, a aplicação e a análise de seus resultados podem proporcionar avanços em sala de aula e o presente trabalho teve como proposta aplicar e apresentar dados e registros das etapas. Além disso, divulgar os resultados poderá estimular a comunidade escolar e demonstrar dados sobre um arsenal vasto em favor da escola, do aprendizado e desenvolvimento de habilidades dos alunos. Nesse sentido, entende-se que a aplicação de sequências didáticas, a geração de vídeos e de narrativas puderam contribuir para desenvolver nos estudantes um conjunto de habilidades e as metodologias ativas permitiram que saíssem da condição passiva para agentes do processo.

Não se iluda o professor ao achar que é só fazer o planejamento, começar com as atividades e pronto! Os alunos apresentaram resistência por terem que se tornar agentes de seu aprendizado e também os pais podem entender que aquela sequência de atividades pode sobrecarregar ou simplesmente ser um artifício do professor para “não dar aula”, uma vez que foi normalizado, erroneamente, que o professor deve trazer e entregar as informações. O modelo conhecido do que seria uma aula passa por um longo histórico de aulas passivas em que os alunos deveriam ser capazes de reter o maior número de conceitos ao invés de entender sua origem e como foram construídos, sua evolução. O docente ao construir seu planejamento, deve ter os objetivos bem sólidos e aparentes para que todos possam entender o que esperar dessa atividade e, assim, compreender que desde a formação de um professor, é necessário dominar ferramentas e estratégias para concretizar seu trabalho diante dos mais vastos grupos, com diferentes perfis e objetivos pessoais.

Dessa forma, no desenvolvimento da presente pesquisa, vale destacar alguns pontos da utilização do modelo: Os alunos, ao tomar frente das atividades, ampliam habilidades como pesquisa, resolução de problemas, levantamento de dados e de hipóteses, o desenvolvimento de textos e roteiros, trabalho em equipe, reconhecimento de termos populares e ainda fazer comparações destes com termos científicos de acordo com a etapa realizada a capacidade de planejamento, a tomada de decisões e habilidade crítica nas turmas envolvidas na atividade.

A sequência didática ofereceu aos alunos diferentes formas de contato com os assuntos trabalhados criando um ambiente menos hostil e gradativamente foram desenvolvendo maior afinidade com o assunto. Com o decorrer das etapas os alunos passaram de uma resistência a uma postura participativa e tudo isso diante de um ambiente lúdico. Eles puderam compreender e refletir como a divulgação científica é importante. Já a cartilha (APÊNDICE B) elaborada pode auxiliar professores do ensino fundamental e médio na realização de sequências didáticas e outras dinâmicas com o auxílio de recursos e ferramentas digitais para que possam buscar outros projetos dentro do ambiente escolar.

Os resultados confirmaram que o interesse por consumir conteúdo digital é grande dentro dos grupos desses nativos digitais e ao entendimento que a atividade pode ir além de aprender um conteúdo ou trabalhar em grupo. O trabalho permitiu que os alunos pudessem reconhecer outras possibilidades dentro da internet e que se tornam uma opção para investimento deles com oferta atrativa, prática, rápida e que já apresentam algum domínio desse ambiente virtual (TAVARES e MELO, 2019).

É possível afirmar que o uso de sequências digitais é uma estratégia pedagógica que permite o desenvolvimento e uso das habilidades antes listadas e, como estratégia pedagógica, é igualmente necessário permitir aos alunos ver e rever os dados e observações durante todo o projeto, o que poderá auxiliar no desenvolvimento de habilidades durante cada etapa e assim, promover o desenvolvimento contínuo dos envolvidos.

Embora os resultados tenham sido animadores, a aplicação da atividade em outros grupos com perfil diferente daquele que participou da pesquisa deve ser feito para a obtenção de dados sobre essa ferramenta.

Com o decorrer da pesquisa, a questão sobre a capacidade dos professores de aplicar ferramentas digitais dentro de seus planejamentos? Lembrando, como aponta documento do Ministério da Educação (MEC), a necessidade e destaque da

formação para o uso das Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), nesse sentido, não há como modernizar o ambiente escolar se o professor não for preparado para tal e o levantamento levará em consideração tal formação poderá indicar ações que possam auxiliar e melhorar os cursos de formação. Igualmente necessário avaliar como professores com muitos anos de profissão acompanham a modernização das salas de aula.

Reforçando um dos objetivos da pesquisa e concluindo, a sequência didática e a produção do vídeo demonstraram ser uma oportunidade e ferramenta didática. Oportunidade quando a relação entre professor e aluno foi amplificada e as sensações vividas pelos alunos foram percebidas pelo professor. Ferramenta didática, quando o professor pode observar o desenvolvimento de habilidades que com metodologia tradicional dificilmente poderiam ser desenvolvidas. Também ficou claro que é necessário expandir a pesquisa para responder perguntas sobre a aplicação de atividade similar em outras turmas, escolas e para auxiliar em atividades docentes. O uso da cartilha¹⁹, como resultado do presente trabalho, poderá ser mais uma ferramenta para elaborar atividades em turmas da educação básica.

¹⁹ Arquivo disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1N-F8UNTSdFHUwoJ8jX2d5uc3KzNAMKDb/edit?usp=sharing&oid=100687959624362029431&rtpof=true&sd=true>

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Bernardo; CORREIA, Walter; CAMPOS, Fábio. **Uso da escala likert na análise de jogos**. Salvador: SBC-Proceedings of SBGames Anais, v. 7, p. 2, 2011.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Para onde vai a educação? 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996. 254 p.

BASTOS, F; NARDI, R.; DINIZ, R. E. S.; CALDEIRA, A.M. **Da necessidade de uma pluralidade de interpretações acerca do processo de ensino e aprendizagem em ciências: revisitando os debates sobre Construtivismo**. In: BASTOS, F. et al. Pesquisa em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores. 5ª edição. São Paulo: Escrituras Editoras, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2021. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> > Acesso em 07 março 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações para cursos de Formação de Professores nas áreas de Didática, Metodologias e Práticas de Ensino**. Brasília, 2016.

CAPOBIANCO, Marcela. **A cada mês, 105 milhões de brasileiros navegam pelo YouTube: entre março e setembro de 2020, vídeos de exercícios com os termos "em casa" e "sem equipamento" foram vistos mais de 190 milhões de vezes no país: entre março e setembro de 2020, vídeos de exercícios com os termos "em casa" e "sem equipamento" foram vistos mais de 190 milhões de vezes no país**. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/105-milhoes-brasileiros-mes-youtube/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CARRILHO, Kleber; MARKUS, Kleber. **Narrativas na construção de marcas: storytelling e a comunicação de marketing**. Organicom, v. 11, n. 20, p. 128-136, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139224/134566/>. Acesso em: 20 agosto. 2021.

COELHO FILHO, Mateus de Souza Coelho; GHEDIN, Evandro Luiz. **Formação de professores e construção da identidade profissional docente**. COLBEDUCA e II CIEE, IV., II, 2018.

CRUZ, Sónia Catarina Silva; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Produção de vídeo com o moviemaker: um estudo sobre o envolvimento dos alunos de 9.º ano na aprendizagem**. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA (SIIE'2007), 14, 14-16 nov. 2007, Braga. Actas., Braga: Universidade do Minho, 2007. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7152/1/Cruz%26Carvalho-SIIE-2007.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

DALBEN, A.I.L.F. **Tensões entre formação e docência: buscas pelos acertos de um trabalho.** In: DALBEN, A.I.L.F. et al. (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.* Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.447-465.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Edna Maria; MUNIZ, Dinéa Maria Sobral; JÚNIOR, Osvaldo Barreto Oliveira. **Sequências didáticas, tecnologias e aprendizagem de língua portuguesa na escola de ensino médio.** *Educ. Form.*, v. 3, n. 9, p. 71-87, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/857/759>. Acesso em: 29 ago. 2021.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002. 364 p.

FERNANDES BARBOSA, E.; GUIMARÃES DE MOURA, D. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica.** *Boletim Técnico do Senac*, v. 39, n. 2, p. 48-67, 19 ago. 2013. Disponível em: <https://bts.senac.br/bts/article/view/349/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização.** *Revista Paz e Terra*, São Paulo, n. 9, pág. 123-132, fora. 1969

GUIMARÃES, Yara AF; GIORDAN, Marcelo. **Instrumento para construção e validação de sequências didáticas em um curso a distância de formação continuada de professores.** *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, v. 8, p. 875-882, 2011. Disponível em: <https://shortest.link/3kce>. Acesso em: 20 julho. 2021.

GOLDEMBERG, José. **O repensar da educação no Brasil. Estudos avançados**, v. 7, n. 18, p. 65-137, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/p4ZrFKSYwCg69jg8zqtxyJB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: Dezembro 2021.

KLEIN, Ruben. Como está a educação no Brasil? O que fazer?. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, p. 139-171, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DSDHddCDDjsr7DzvsxzwJwh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DSDHddCDDjsr7DzvsxzwJwh/abstract/?lang=pt>

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. **A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios.** 2012. Disponível em: <http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/2600/A%20inclus%203%a3o%20das%20TICs%20na%20educa%20c3%a7%20c3%a3o%20brasileira%20problemas%20e%20desafios.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 ago. 2021.

LIMA, Valéria Vernaschi. **Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2017, v. 21, n. 61, pp. 421-434. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807->

57622016.0316>. Epub 27 Out 2016. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>. Acesso em: 16 out. 2021.

MATHIAS, Lucas. **Quais são os principais tipos de perguntas para questionário de pesquisa: na hora de fazer uma pesquisa, criar as perguntas para questionário corretas é fundamental.** veja 7 tipos de perguntas com exemplos práticos. 2021. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/tipos-de-perguntas-usados-em-questionarios/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MEIRELLES, Elisa. **Como organizar sequências didáticas: respondemos a dez perguntas fundamentais para planejar boas sequências didáticas.** Nova Escola, [S. L.], v. 1, n. 269, p. 0-6, 01 fev. 2014. Mensal. Consultora pedagógica: Priscila Monteiro. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1493/como-organizar-sequencias-didaticas?download=truevoltar=/conteudo/1493/como-organizar-sequencias-didaticas?download=true#_=_. Acesso em: 16 jul. 2021.

MELLO, Guiomar Namó. **Deformação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical.** São Paulo em Perspectiva [online]. 2000, v. 14, n. 1 [Acessado 4 Fevereiro 2021], pp. 98-110. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100012>>. Epub 30 maio 2003. ISSN 1806-9452. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100012>.

MILLEN NETO, A. R.; DA CRUZ, R. P.; SALGADO, S. da S.; CHRISPINO, R. F.; SOARES, A. J. G. **EVASÃO ESCOLAR E O DESINTERESSE DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.** Pensar a Prática, [S. l.], v. 13, n. 2, 2010. DOI: 10.5216/rpp.v13i2.7559. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/7559>. Acesso em: 6 set. 2021.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas.** Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MORENO, Ana Carolina; OLIVEIRA, Elida. **Brasil cai em ranking mundial de educação em matemática e ciências; e fica estagnado em leitura: país teve novamente um dos 10 piores desempenhos do mundo em matemática no Pisa 2018, a avaliação mundial de educação.** 2019. Distribuída por G1 (grupo Globo). Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-matematica-e-ciencias-e-fica-estagnado-em-leitura.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2021.

MOTOKANE, Marcelo Tadeu. **Sequências didáticas investigativas e argumentação no ensino de ecologia.** Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte) [online]. 2015, v. 17, n. spe [Acessado 20 Novembro 2021], pp. 115-138. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-2117201517s07>>. EpubNov 2015. ISSN 1983-2117. <https://doi.org/10.1590/1983-2117201517s07>.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. **Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência.** Psicologia Usp, v. 8, p. 63-89, 1997. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/9d6dVgGJPJZhfk8J99TMyLQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2022.

OLIVEIRA, Kaynã de. **Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional: segundo a professora Henriette Tognetti Penha Morato, nas redes as pessoas buscam alterar virtualmente o que não consideram satisfatório na vida real.** 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

POZZOBON, Magda, MAHENDRA, Fénita e MARIN, Angela Helena. **Renomeando o fracasso escolar. Psicologia Escolar e Educacional.** 2017, v. 21, n. 3 [Acessado 20 abril 2021], pp. 387-396. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3539201702131120>>. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702131120>.

QUADROS, Ana Luiza de, SILVA, Ariane Suelen Freitas e MORTIMER, Eduardo Fleury. **RELAÇÕES PEDAGÓGICAS EM AULAS DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.** Química Nova [online]. 2018, v. 41, n. 2 [Acessado 16 Dezembro 2021], pp. 227-235. Disponível em: <<https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170178>>. ISSN 1678-7064. <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170178>.

SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin. **Os desafios da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1320, 2005. Acesso em: https://www.researchgate.net/profile/Simon-Schwartzman/publication/225088749_Os_desafios_da_educacao_no_Brasil/links/0fcfd50c5eb1e36e17000000/Os-desafios-da-educacao-no-Brasil.pdf. Acesso em: Dezembro 2021.

SILVA, Siony da. **REDES SOCIAIS DIGITAIS E EDUCAÇÃO.** Revista Iluminart, Sertãozinho, n. 5, p. 36-46, ago. 2010. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/revistailuminart/index.php/iluminart/article/view/97>. Acesso em: 10 out. 2021.

SIMÕES, Claudia Maria Oliveira; SCHENKEL, Eloir Paulo. **A produção e a produção brasileira de medicamentos a partir de plantas medicinais: a interação necessária da indústria com a academia.** Revista brasileira de farmacognosia, v. 12, p. 35-40, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/C6JRLYG9Q584JvF3cJpPcp/?format=pdf&lang=pt97>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TAVARES, Vinicius dos Santos e MELO, Rosane Braga de. **Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais?** Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2019, v. 23 [Acessado 20 Dezembro 2021], e183039. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>>. Epub 05 Ago 2019. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida.** Educar em Revista [online]. 2014, v. 00, spe4

[Acessado 18 Janeiro 2021], p. 79-97. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.38645>>. ISSN 1984-0411.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Storytelling em sala

Bem vindo.

O presente formulário visa elucidar algumas informações sobre o uso do Storytelling dentro da disciplina de Ciências e Biologia. O objetivo é identificar como os alunos perceberam a ferramenta e outros aspectos para a elaboração de um relatório e guia para atividades futuras.

As respostas serão utilizadas para trabalho de dissertação e os dados pessoais não serão divulgados e nem compartilhados.

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Em qual série você está?

Marque todas que se aplicam.

- | | |
|--------------------------|-------|
| <input type="checkbox"/> | 6º EF |
| <input type="checkbox"/> | 7º EF |
| <input type="checkbox"/> | 8º EF |
| <input type="checkbox"/> | 9º EF |
| <input type="checkbox"/> | 1ª EM |
| <input type="checkbox"/> | 2ª EM |
| | 3ª EM |

3. Você conhecia o Storytelling? * *Marcar apenas uma oval.*

- | | |
|-----------------------|-----|
| <input type="radio"/> | Sim |
| <input type="radio"/> | Não |

4. Qual a dificuldade você teve para produzir um Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito fácil Muito difícil

5. Você encontrou algum manual para produzir o storytelling? * *Marcar apenas uma*

oval.

- Sim
 Não

6. Você achou interessante utilizar essa ferramenta para produzir o trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Muito Interessante Pouco interessante

7. Em qual série você está?

Marque todas que se aplicam.

- 6º EF
 7º EF
 8º EF
 9º EF
 1ª EM
 2ª EM
 3ª EM

8. Você conhecia o Storytelling? * *Marcar apenas uma oval.*

- Sim
 Não

9. Qual a dificuldade você teve para produzir um Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito fácil Muito difícil

10. Você encontrou algum manual para produzir o storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

11. **Você achou interessante utilizar essa ferramenta para produzir o trabalho? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito Interessante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Pouco interessante

12. **Você gostaria de utilizar o storytelling em outros trabalhos? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Gostaria muito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Não gostaria

13. **Você ficou feliz com o resultado de seu trabalho? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Muito insatisfeito

14. **Você gostaria de divulgar o seu Storytelling? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

15. **Você achou que aprendeu mais sobre o assunto tendo que elaborar um storytelling? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Concordo plenamente	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Discordo plenamente								

16. **Em qual série você está?**

Marque todas que se aplicam.

22. Você ficou feliz com o resultado de seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5		
Muito satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Muito insatisfeito

23. Você gostaria de divulgar o seu Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

24. Você achou que aprendeu mais sobre o assunto tendo que elaborar um storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Concordo plenamente	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Discordo plenamente								

25. Você gostaria de utilizar o storytelling em outros trabalhos? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5		
Gostaria muito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Não gostaria

26. Você ficou feliz com o resultado de seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5		
Muito satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Muito insatisfeito

27. Você gostaria de divulgar o seu Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

28. Você achou que aprendeu mais sobre o assunto tendo que elaborar um storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Concordo plenamente	<input type="radio"/>	Discordo plenamente									

29. Em qual série você está?

Marque todas que se aplicam.

- 6º EF
- 7º EF
- 8º EF
- 9º EF
- 1ª EM
- 2ª EM
- 3ª EM

30. Você conhecia o Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

31. Qual a dificuldade você teve para produzir um Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Muito fácil	<input type="radio"/>	Muito difícil									

32. Você encontrou algum manual para produzir o storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

33. Você achou interessante utilizar essa ferramenta para produzir o trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito Interessante	<input type="radio"/>	Pouco interessante				

34. Você gostaria de utilizar o storytelling em outros trabalhos? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Gostaria muito Não gostaria

35. Você ficou feliz com o resultado de seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Muito satisfeito Muito insatisfeito

36. Você gostaria de divulgar o seu Storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

37. Você achou que aprendeu mais sobre o assunto tendo que elaborar um storytelling? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Concordo plenamente Discordo plenamente

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B – Cartilha Storytelling para professores

STORYTELLING PARA PROFESSORES



1

Professor Marcelo Santos

PUC-MG

¹ Disponível em: <https://www.remissaonline.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas/>

STORYTELLING PARA PROFESSORES

Marcelo Augusto de Oliveira e Santos

20 de Janeiro de 2022

Pontifícia Universidade Católica – MG

Sumário Sequência didática e Storytelling **Erro! Indicador não definido.**

Como utilizar o Storytelling? 70

Considerações finais 72

Referência Bibliográfica 73

Sequência didática e Storytelling

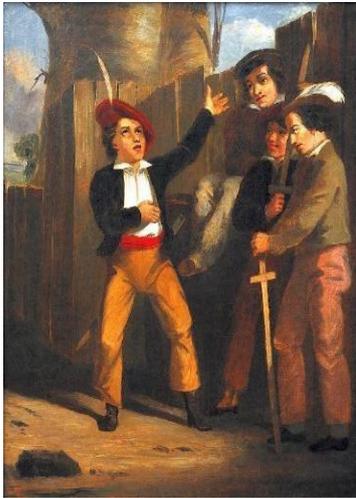


Imagem 1 O contador de Histórias de ensino-aprendizagem crítico-reflexivos, proporcionando ao educando o protagonismo.
 William Collins. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_storyteller.jpg

Essa cartilha foi o resultado de testes feitos em turmas do 6º ano do ensino fundamental até a 3ª série do ensino médio e tem como propósito encorajar e trazer ferramentas para aplicação em sua sala, estimado professor.

Caso ainda não estejam familiarizados com as metodologias ativas, uma definição colocada por Sobral e Campos (2012) é de que são uma concepção educativa para estimular processos de

Foi realizada uma sequência didática que tinha como proposta gerar um registro audiovisual. O resultado foi um vídeo por grupo de alunos no formato conhecido como Storytelling, também conhecido como Narrativa. Os registros são importantes para que se possa mensurar o que foi alcançado e o professor precisa mostrar para os alunos a importância desse registro. Para o professor, o registro permite o acompanhamento das turmas e para ser mais objetivo, como cita o Instituto Nerosaber (2021), “o registro é o método mais simples e eficaz para acompanhar e avaliar o desenvolvimento das crianças”.

Há um número considerável de formas para registrar os trabalhos feitos dentro e fora das salas de aula e, dentro do ambiente escolar, integrar os espaços internos e externos da escola pode trazer benefícios importantes. O Storytelling foi verificado como ferramenta de trabalho e de registro das etapas realizadas. Ainda que essa ferramenta venha ganhando espaço no mercado, como afirmam Carrilho e Markus (2014) que também afirmam que, ao contar ou ouvir uma história, aspira-se ser alguém diferente ou ter algo que não se tem demonstrando um aspecto aspiracional, aspecto defendido também por Magalhães (2014) que acrescenta que o ser humano usa histórias para explicar o mundo à sua volta e aprender com essas histórias.

COMO UTILIZAR O STORYTELLING?

Para auxiliar a implantação das narrativas em sua atividade, foi desenvolvida uma sequência de etapas que servirão como um norteador. Não se fixe em tentar copiar a risca cada etapa, utilize esse guia como inspiração. Não se preocupe com perguntas que surjam sobre se os alunos serão capazes de realizar e produzir esse material. Essa é a oportunidade que o professor e as turmas terão de aprender a resolver problemas, exatamente o objetivo das metodologias ativas.

1. Planejamento geral

1.1. Escolha o tema pensando no que o momento torna necessário e interessante, utilize os documento que regem a educação. No presente momento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define quais conteúdos, habilidades e competências devem ser desenvolvidas. O documento está disponível para consulta no endereço eletrônico:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

1.2. A definição do tempo total visa manter o interesse das turmas. Como defende Moran (2001), é necessário pensar em educação como comunicação, portanto, tenha em mente as características e especificidades de cada turma.

2. Etapas e tempo utilizado.

2.1. Expor aos alunos uma situação sobre o tema escolhido. Foram utilizadas duas aulas para apresentar o tema, com apresentação de uma cartilha sobre o assunto, aula expositiva e apresentação de dois vídeos escolhidos para atender a demanda das turmas sobre o assunto e que o objetivo seria criar e apresentar um vídeo. Aqui o professor deve selecionar vídeos curtos (entre três e cinco minutos), identifique a aptidão dos alunos no uso dos aplicativos necessários. Para o desenvolvimento dessa cartilha, a opção foi o Youtube.

2.2. Proposta de pesquisa para as turmas. Os alunos dispuseram de dois dias para executar a pesquisa utilizando fontes variadas. Foi dada a orientação de uso

da ferramenta Google acadêmico/ Google escolar com a utilização do vídeo disponibilizado no link <

<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=NxKDLZmiNHw> >. Em seguida, faça o uso de ferramentas como o mural dinâmico para organizar as informações com os alunos, uma indicação bem intuitiva e fácil de usar é o Padlet (<https://pt-br.padlet.com>).

- 2.2.1. A busca por informações deve contemplar diferentes fontes, físicas ou digitais. Forneça algumas alternativas para que os alunos conheçam tipos textuais diferentes. (sítios eletrônicos, revistas, jornais, livros, artigos e aplicativos são boas ferramentas de pesquisa desde que passem por uma prévia seleção)
- 2.3. Organizar os resultados e fazer o registro em diferentes formatos. Aqui trabalhar com a produção de fichas é uma alternativa interessante e um bom recurso para utilizar é o aplicativo Onenote (<https://www.onenote.com/hrd>)
- 2.4. Entrevista: introduza novas atividades para o grupo de alunos, favoreça o contato deles com pessoas do seu entorno com conhecimento substancial sobre o assunto e promova o questionamento das informações obtidas em entrevistas e nas pesquisas, orientando os grupos tanto para levantamento de informações até a confirmação delas.
- 2.5. Conhecer o que são as narrativas e reprodução de vídeo para exemplo. As narrativas são utilizadas em campanhas publicitárias, em palestras e outros formatos. Para a comunicação direta entre o professor e as turmas faça a seleção de um vídeo exemplar e apresente aos alunos, explicando o que são as narrativas. Essa etapa é feita no tempo de uma aula de cinquenta minutos. Para que os alunos consigam desenvolver e produzir um bom material é necessário apresentar bons exemplos e, para isso, segue um endereço para demonstrar o que é o Storytelling < https://www.youtube.com/watch?v=kdTYYNg2_M0&feature=youtu.be >.

2.6. Apresentação dos resultados das pesquisas e entrevistas. Para sanar questões que possam existir, ampliar a habilidade de comunicação dos alunos é possível utilizar rodas de conversa e debates para apresentação dos resultados obtido até então. Utilize de uma a duas aulas para que todos possam apresentar seus resultados e apontar pontos de curiosidade.

2.7. Elaboração de roteiro e preparação para produção dos vídeos. Essa etapa é sem dúvidas a mais trabalhosa e é extremamente importante que os alunos possam por si próprios explorar e utilizar o resultado de suas pesquisas para desenvolver o produto exigido. Aqui muitos talentos podem ser descobertos como alunos habilidosos no desenvolvimento de roteiros, de edição de vídeos e tantas etapas necessárias. E lembre de estimular que os alunos já façam anotações desde a apresentação da proposta.

2.8. Apresentar os vídeos. É claro que a escolha da plataforma deve ser avaliada, então, utilize plataformas que sejam intuitivas, como o Youtube, Tiktok ou outra do segmento que desperte o interesse do aluno. A vantagem do Youtube é poder utilizar a versão de postagem não listada e, dessa forma, apenas aqueles que possuem o link para o vídeo é que poderão ter acesso

Cabe ao professor definir se outras etapas serão necessárias após a entrega dos vídeos. Debates, rodas de conversa sobre cada produto gerado são ótimas ferramentas nesse ponto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento do professor deve ser adequado a cada contexto e ambiente e a utilização de metodologias ativas pode ser adicionada de forma a respeitar o perfil de cada turma, mesclando metodologias mais conservadoras. A capacidade de utilizar ferramentas de diferentes tipos no cotidiano escolar permitirá, com o tempo, o aprimoramento das mesmas bem como o desenvolvimento das relações dos alunos e professores. Ainda que seja necessário ampliar a pesquisa sobre o uso dessa ferramenta em diferentes cenários, como bem cita Sobral e Campos (2012).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARRILHO, Kleber; MARKUS, Kleber. Narrativas na construção de marcas: storytelling e a comunicação de marketing. *Organicom*, v. 11, n. 20, p. 128-136, 2014.

MAGALHÃES, Anita Cristina Cardoso. Storytelling como recurso comunicacional estratégico: construindo a identidade e a imagem de uma organização. *Organicom*, v. 11, n. 20, p. 93-106, 2014.

MORAN, José Manuel. Novos desafios na educação: a Internet na educação presencial e virtual. *Saberes e linguagens de educação e comunicação*, v. 1, p. 19-44, 2001.

NEUROSABER. A importância do registro de atividades e do desenvolvimento na educação infantil. 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/aimportancia-do-registro-de-atividades-e-do-desenvolvimento-na-educacaoinfantil/#:~:text=O%20registro%20re%C3%BAne%20informa%C3%A7%C3%B5es%20que,o%20progresso%20de%20seus%20alunos..> Acesso em: 15 jul. 2022.

SOBRAL, Fernanda Ribeiro; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 1, p. 208-218, 2012.